



PRÁTICAS CRIATIVAS DE CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS ALTERNATIVOS E COMPOSIÇÃO MUSICAL COLETIVA

Sergio da Silva Pereira, UDESC (Mestrando em Educação Musical)

APRESENTAÇÃO

Esta palestra/oficina tem por objetivo oferecer possibilidades de construção de instrumentos musicais e a exploração dos elementos sonoros intrínsecos à música, observando as diferentes alternativas de materiais existentes no cotidiano das pessoas, tanto as que vivem no campo, quanto às que vivem na cidade.

Entendendo como podemos constituir um grupo musical, com pessoas que não necessariamente já tenham tido contato com práticas instrumentais, equilibrando as dinâmicas, timbres, tessituras e limites de intensidade.

Objetivamos buscar num curto espaço de tempo, facilitar reflexão sobre o ambiente sonoro e a possibilidade de se ter um contato social, que estimule um estado mental que propicie uma criação musical coletiva. Reconhecendo cada um seus limites e através deles, expandir à sua vontade, o fazer musical.

Dialogando com o grupo e trazendo uma perspectiva filosófica libertária, que nos possa entender como sujeitos capazes de compor, instrumentos e música, através desta arte possamos tomar como base o entendimento de todas as outras. Entendendo que a música pode ser considerada como modelo para o entendimento de todas as artes. Ela é o análogo tonal da vida afetiva, uma espécie de morfologia do sentimento (Bowman, 1998).

A arte de se construir instrumentos musicais, é milenar e acompanha a humanidade numa relação simbiótica com o fazer musical, contudo, construir instrumento não significa fazer música, tampouco escrever ou ler música, o significa. Iniciaremos nosso fazer, a partir do entendimento de elementos que estão mais próximos, começando com nosso corpo e nossa voz. Executando uma escuta atenta de nós mesmos e do/a colega, expandindo gradualmente para o ambiente.

Conscientes de que o mundo soa e com ele nosso corpo, passaremos a significar esses sons e imprimi-los a partir de uma notação musical significativa, que nos sirva de registro memorial dos sons que percebemos. Não se trata de partituras musicais neumáticas ou tradicionais conservatoriais, mas uma escrita que se torne uma partitura criativa e significativa para quem a escreveu.



Por último, de posse desses entendimentos e possibilidades, partiremos para a composição de uma peça musical Minimalista¹, realizando primeiro um breve estudo sobre a estética da proposição, além da escuta atenta de composições. A obra como processo final da oficina, poderá ou não ser apresentada ao público, ficando a caráter do grupo esta decisão.

Considerações finais

Temos a possibilidade de trazer à luz da discussão, elementos filosóficos e políticos do fazer musical, e, principalmente no que tange a educação musical, direito adquirido de maneira mais consistente nesta última década, garantindo na legislação o ensino da música nas escolas de educação infantil, ensino fundamental e agora ameaçada pelo governo federal sua prática no ensino médio.

Como podemos propor uma atividade musical, sem sermos músicos com uma formação específica? Talvez essa seja uma das grandes questões a serem debatidas. Portanto, a música como uma atividade humana, presente em todas as culturas do planeta terra, necessitou desta formação específica para se perpetuar? Quais os caminhos buscaremos para uma educação musical libertadora?

Finalizo mais com indagações que considerações, com a ambição de discuti-las e nos aprofundar, jamais com a ilusão determinista de responde-las categoricamente.

¹ O Minimalismo é, portanto, filho de uma década muito especial na história do século XX. A década de 60, na qual ele se desenvolveu e floresceu plenamente, foi uma das mais importantes na história do século XX no que diz respeito à articulação de movimentos alternativos contra o sistema. O Minimalismo, como fruto direto do movimento experimentalista norte-americano, deteve-se e levou às últimas consequências os processos de repetição. Portanto, o Minimalismo não se define apenas por repetição, mas por processos sistemáticos de repetição. Dimitri Cervo (Universidade Federal de Santa Maria), n.11, 2005, p.44-59. Per Musi – Revista Acadêmica de Música – n.11, 136 p., jan - jun, 2005.